

# LUKÁCS, REALISMO, EXPERIÊNCIA PERIFÉRICA (ANOTAÇÕES DE LEITURA)

EDU TERUKI OTSUKA

Universidade de São Paulo

## Resumo

Da perspectiva dos estudos literários brasileiros, um dos aspectos mais fecundos da teoria lukacsiana do realismo talvez se encontre em suas observações a propósito das consequências estéticas do “atraso” econômico-social nas áreas periféricas. As anotações que seguem têm o intuito de apenas indicar alguns elementos dos ensaios de Lukács (a partir dos anos 1930) voltados para essa questão.

## Abstract

*From the standpoint of Brazilian literary studies, one of the most seminal aspects of Lukács's theory of realism is to be found in his remarks on the aesthetic consequences of economic and social backwardness in peripheral areas. The following notes aim solely to point out a few elements of Lukács's essays (from the 1930's on) which deal with this issue.*

## Palavras-chave

Lukács;  
realismo;  
experiência  
periférica.

## Keywords

Lukács;  
realism;  
peripheral  
experience.

**E**m lugar de adotar o enfoque habitual, que busca discutir a teoria lukacsiana do realismo principalmente a partir dos ensaios sobre Balzac (e, por vezes, sobre Tolstói), gostaria de lembrar aqui outros escritos de Lukács, com o intuito de sugerir que o realismo, para ele, pode encontrar realizações bastante diferentes do romance balzaquiano. É o que se vê em alguns estudos sobre os realistas alemães, em que o quadro histórico da situação retardatária da Alemanha, entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, cumpre papel decisivo. Sem desconsiderar o fato de que a teorização do realismo, em Lukács, apresenta um caráter normativo que muitas vezes limita o alcance de suas observações críticas, cabe assinalar que o realismo lukacsiano não deixa de comportar certa amplitude e variedade, ao menos quanto aos meios de representação.

O caso mais surpreendente será talvez o de um escritor alemão que não costuma ser visto como representante do realismo (na acepção corriqueira), mas que Lukács considerava um autêntico realista: E.T.A. Hoffmann. É bem verdade que Lukács não chegou a desenvolver por extenso uma avaliação crítica sobre esse autor, mas as observações esparsas sobre Hoffmann fazem notar que, embora Balzac de fato funcione como um modelo na teoria lukacsiana do realismo, não se trata propriamente, ali, de postular um único modo de escrever para a configuração realista. Se Lukács considera que o fantástico hoffmanniano é perfeitamente compatível com o realismo, é porque o realismo, para ele, não decorre dos procedimentos técnicos em si mesmos, e sim de uma articulação particular entre o modo de escrever e a matéria histórico-social.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Que essa articulação particular tenha seus próprios problemas é um assunto de que não poderei tratar aqui. No que segue, limito-me a parafrasear alguns elementos da concepção lukacsiana do realismo, deixando para outra oportunidade a discussão de seus limites e problemas. Espero, além disso, que o leitor compreenda a finalidade das informações que acabaram por tornar as notas de rodapé demasiado extensas.

Correndo o risco de repetir o óbvio, convém lembrar que o realismo de Lukács não se confunde com a assim chamada representação “fotográfica” da realidade, a qual se caracterizaria por reproduzir, de maneira supostamente fiel, a superfície do mundo visível, por meio da exatidão e da multiplicação dos pormenores. Tal noção tradicional e ingênua do realismo entende a representação realista como um quadro estático, ao passo que, na concepção de Lukács, o realismo é fundamentalmente dinâmico, isto é, para ele o realismo só se realiza de maneira plena na medida em que alcance a figuração do movimento da história ou, mais precisamente, das “forças motrizes” da sociedade.

É certo que o vocabulário antiquado de que Lukács se vale (e ao qual permaneceu aferrado até o fim de sua vida) acaba por contribuir para a confusão, ainda que o sentido preciso dos termos seja apreensível quando esses são lidos no contexto. Em seus escritos sobre o realismo encontram-se, com frequência, expressões como “reflexo da realidade” ou “personagem típico”, que, fora da teoria lukacsiana, poderiam sugerir algo mais próximo do realismo na acepção banal, ou seja, a representação dita “fiel” da superfície do mundo exterior. No entanto, quando Lukács sustenta que refletir corretamente a realidade é condição básica do realismo na literatura, percebe-se que a exatidão dos detalhes é menos importante do que a visão de conjunto, pois ele adverte que a literatura deve refletir, não a aparência (reificada) do real, e sim a sua essência, vale dizer, as forças motrizes da história que levam à transformação da sociedade.<sup>2</sup> Desse ângulo, a superfície da vida, composta pelos dados imediatos da experiência, é antes a manifestação exterior de processos que atuam na profundidade, processos históricos movidos, em última instância, pela contradição fundamental da sociedade: a luta de classes. Não se trata, porém, de descartar a superfície dos fenômenos em benefício da representação direta das relações de classe, mas de apreender a articulação entre a vida cotidiana (experiências, pensamentos, sentimentos etc.) e a estrutura profunda da sociedade capitalista em que atuam as forças históricas decisivas. Para tanto, caberia, segundo Lukács, não apenas captar as contradições tais como aparecem na superfície, mas desdobrá-las no curso da narrativa, e assim expor concretamente as múltiplas conexões entre os dados da vida cotidiana e as relações sociais fundamentais.<sup>3</sup>

De acordo com Lukács, o conhecimento da estrutura profunda e do dinamismo histórico da sociedade só pode ser alcançado, em aproximações cada vez mais

<sup>2</sup> Sobre o reflexo literário, ver G. Lukács, *Arte y verdad objetiva*, in *Problemas del realismo*, trad. Carlos Gerhard, México, Fondo de Cultura Económica, 1966, p. 11-54. Nos anos 1930, Lukács aderiu à teoria do reflexo discutida por Lenin em *Materialismo e empirio-criticismo* (1909) e, nisso, recuou em relação à perspectiva de *História e consciência de classe*. Ver Lubomír Sochor, Lukács e Korsch: a discussão filosófica dos anos 20, in Eric J. Hobsbawm (org.) *História do marxismo*, trad. C. N. Coutinho et al., 2.ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, v. IX: O marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia, p. 13-75.

<sup>3</sup> Cf. G. Lukács, “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, in *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*, org., apres. e trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009, p. 104-5.

amplas, por meio do trabalho conceitual, ao passo que a obra literária, não podendo expor abstratamente a “essência” da sociedade, vale-se de meios próprios para figurá-la. Por isso, o realismo exigiria uma figuração rica e complexa do homem em sua “onilateralidade” e das circunstâncias sociais em sua concretude.

A isso se associa a noção de “típico” (inspirada em observações de Engels<sup>4</sup>), que tampouco se confunde com o “personagem tipo” na acepção convencional dos estudos literários. Sem dúvida, a tipicidade, em Lukács, implica que as personagens e as circunstâncias sejam representativas da sociedade figurada na obra; contudo, é preciso notar a diferença em relação ao sentido corriqueiro: enquanto o tipo tradicional remete, por exemplo, a grupos ou classes sociais alegorizados em figuras fixas e imutáveis, o típico, para Lukács, corresponde antes a tendências e forças históricas que se concretizam em personagens e em suas ações, sem que eles deixem de ser individualizados.

Mas o personagem típico não é típico isoladamente; o personagem se torna típico nas relações que estabelece com outros personagens (que por sua vez encarnem outros aspectos do contraste que determina seu destino). A tipicidade das personagens só se realiza em conexão estrita com o decurso da ação, de tal modo que o conjunto do enredo, posto em movimento por personagens individualizadas em suas inter-relações, apreenda as forças sociais em conflito em um dado momento do processo histórico. Assim, o típico, segundo Lukács, não se limita à mera correlação entre personagens e categorias sociais fixas e definitivas; pelo contrário, a tipicidade implica a apresentação de indivíduos que, em suas atividades e em seu desenvolvimento, dão concretude aos “momentos determinantes, humana e socialmente essenciais, de um período histórico”.<sup>5</sup>

Por fim, vale lembrar que o conhecimento das bases reais da sociedade, pressuposto na figuração realista, pode ser alcançado pelo desenvolvimento da matéria na elaboração literária, sem que decorra mecanicamente das ideias políticas do autor ou de sua posição de classe. Para Lukács, a grandeza e a honestidade estética do escritor se revelam no fato de ele desdobrar as contradições de seu material até o fim, sem conformá-lo à força às opiniões que porventura o autor sustente enquanto homem político, pois não se trata de fazer literatura de tese. Assim, a elaboração profunda da matéria na figuração literária conduz ao “triumfo do realismo”, em que a realidade objetiva se impõe sobre as ideias subjetivas; ou seja, o

<sup>4</sup> Ver F. Engels, carta a Ferdinand Lassalle, 18 de maio de 1859 e, sobretudo, carta a Minna Kautsky, 26 de novembro de 1885, in K. Marx; F. Engels, *On Literature and Art*, ed. Lee Baxandall and Stefan Morawski, New York, International General, 1973, p. 109-12 e 113-14.

<sup>5</sup> G. Lukács, “Introducción”, in *Ensayos sobre el realismo*, trad. Juan Jose Sebrelli, Buenos Aires, Siglo Veinte, 1965, p. 13. O texto é retomado em *Idem*, “Preface”, in *Studies in European Realism*, trans. Edith Bone, New York, Grosset and Dunlap, 1964, p. 6; e *Idem*, «Avant-propos», in *Balzac et le réalisme français*, trad. Paul Laveau, Paris, La Découverte, 1999, p. 9. Ver também *Idem*, “A fisionomia intelectual dos personagens artísticos”, in *Marxismo e teoria da literatura*, trad. C. N. Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 176. Neste passo, apoio-me em Fredric Jameson, “Em defesa de Georg Lukács”, in *Marxismo e forma*, trad. Iumna Maria Simon (coord.), São Paulo, Hucitec, 1985, p. 150-3.

movimento interno da obra, na medida em que apreenda as tendências efetivas do processo social, pode contrariar as concepções do próprio autor no que elas têm de ilusório (como ocorre, notadamente, no caso de Balzac), o que, no entanto, não significa que a ideologia abertamente proclamada pelo escritor seja indiferente.<sup>6</sup>

É com base nessas linhas gerais que Lukács combate tanto o subjetivismo esteticista quanto o objetivismo naturalista – as duas correntes principais da literatura europeia ocidental na segunda metade do século XIX; mais precisamente, posterior a 1848, quando, após o massacre da revolução proletária, a burguesia entra na fase apologética. Para ele, ambas as tendências são unilaterais, na medida em que a aparência de autonomia da vida psíquica e a aparência de autonomia dos objetos e instituições se apresentam absolutizadas, isto é, são figuradas como formas sem história e sem conexões com as relações sociais basilares. Por isso, segundo a compreensão de Lukács, tanto o subjetivismo quanto o objetivismo, que têm desdobramentos e ramificações no início do século XX, apenas reduplicam a feição reificada da sociedade, permanecendo na imediatez dos fenômenos, sem captar as forças motrizes decisivas que se ocultam sob a superfície.<sup>7</sup>

Este brevíssimo resumo pretende apenas lembrar que, para Lukács, o realismo não é uma questão de estilo ou de técnica literária, e muito menos uma categoria de periodização. De sua perspectiva, toda grande literatura é realista: “*grosso modo*, toda grande literatura, toda literatura autêntica, é realista. Não se trata aqui de estilo, mas do ângulo de visão da realidade, da posição tomada diante dela. Mesmo o máximo do fantástico pode ser realista”.<sup>8</sup>

Ao mesmo tempo, no esquema lukacsiano o realismo alcança o apogeu em algumas obras de Balzac e de Tolstói, que sabidamente funcionam como modelos de realismo, mas, a meu ver, disso não decorre que ele propusesse o retorno a formas do passado, nem que restringisse o realismo a um único modo de escrever. O que Lukács aponta, ao mencionar os grandes realistas do passado, é antes a atitude em face da realidade e o nível artístico alcançado, o que não é exatamente o mesmo que prescrever meios técnicos de composição segundo um modelo preestabelecido. É certo, no entanto, que os ensaios de Lukács revelam sua incompreensão do sentido da literatura pós-flaubertiana – o que não deixa de ser um paradoxo, pois

<sup>6</sup> A expressão “triumfo do realismo” é de Engels (carta a Margaret Harkness, abril de 1888, in Marx & Engels, *On Literature and Art*, *op. cit.*, p. 115-17) e é retomada por Lukács em vários de seus ensaios. Ver, por exemplo, “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, *op. cit.*, p. 113-5.

<sup>7</sup> Ver G. Lukács, “Narrar ou descrever?”, in *Ensaio sobre literatura*, *op. cit.*, p. 47-99. Ver também *Idem*, “A fisionomia intelectual dos personagens artísticos”, *op. cit.*, p. 180-97; e *Idem*, “Marx e o problema da decadência ideológica”, in *Marxismo e teoria da literatura*, *op. cit.*, p. 49-111.

<sup>8</sup> G. Lukács, “Literatura e vida” [Entrevista a Antonin J. Liehm (1964)], in Leo Kofler; Wolfgang Abendroth; Hans Heinz Holz, *Conversando com Lukács*, trad. Giseh Vianna Konder, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969, p. 185. A mesma entrevista foi publicada em espanhol sob o título “Realismo: ¿experiencia socialista o naturalismo burocrático?”, in Ricardo Piglia (coord.) *Polémica sobre el realismo*, 2.ed., Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1972, p. 7-37. Vale o reparo: na edição brasileira, as informações sobre a origem das entrevistas “Marxismo e coexistência” (p. 157) e “Literatura e vida” (p. 179) estão invertidas.

ele foi justamente o primeiro a identificar as consequências ideológicas e estéticas de 1848 na Europa Ocidental, uma viragem que, na literatura, conduziria a inovações formais de longo alcance. Em outras palavras, os limites da teoria lukacsiana do realismo existem, mas não dizem respeito à prescrição de um único modo de escrever, ainda que um dos corolários da teoria seja a rejeição, por Lukács, dos recursos empregados no naturalismo, no esteticismo, nas vanguardas históricas, no modernismo, na nova objetividade e no realismo socialista...<sup>9</sup>

Na medida em que, em seu cerne, o realismo se liga à figuração das forças motrizes da sociedade, para Lukács as especificidades da matéria social, formada em condições históricas determinadas, são tão importantes quanto o talento inventivo do escritor, que cria uma forma literária adequada à figuração daquela matéria. Matérias sociais diferentes, como a dos países mais avançados e a das áreas periféricas entre o final do século XVIII e o começo do XIX, exigem configurações formais diferentes, caso se queira apreender literariamente o dinamismo histórico próprio a cada situação.

Por esse motivo, o realismo na acepção lukacsiana não é incompatível com modos de figuração que se distanciam da representação da vida cotidiana baseada na verossimilhança externa, podendo incluir também elementos fantásticos – desde que o fantástico se articule à figuração das peculiaridades do momento histórico. Assim, ao comentar os escritos estéticos de Marx e Engels, Lukács escreve:

Não é absolutamente necessário que o fenômeno artisticamente figurado seja captado como fenômeno da vida cotidiana e nem mesmo como fenômeno da vida real em geral. Isso significa que até mesmo o mais extravagante jogo da fantasia poética e as mais fantásticas representações dos fenômenos são plenamente conciliáveis com a concepção marxista do realismo. Não é de modo algum por acaso que precisamente algumas novelas fantásticas de Balzac e de E.T.A. Hoffmann estivessem entre as criações artísticas mais admiradas por Marx. [...] A estética marxista, que nega o caráter realista do mundo representado através de detalhes naturalistas (que escamoteiam as forças motrizes essenciais dos fenômenos), considera perfeitamente normal que as novelas fantásticas de Hoffmann e de Balzac representem momentos culminantes da literatura realista, porque nelas, precisamente em virtude da representação fantástica, as forças motrizes essenciais são postas em especial relevo.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> A meu ver, o principal limite da teoria do realismo de Lukács tem seu núcleo numa avaliação insuficiente da atualidade, isto é, das tendências históricas efetivas do período em que Lukács desenvolveu sua teoria. Mas, como já assinali, discutir essa questão não é o propósito deste artigo.

<sup>10</sup> G. Lukács, “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, *op. cit.*, p. 107. Também foram consultadas as seguintes traduções: “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, in *Ensaio sobre Literatura*, trad. Leandro Konder et al., 2.ed., São Paulo, Civilização Brasileira, 1968, p. 34; “Introducción a los escritos estéticos de Marx e Engels”, in *Aportaciones a la historia de la estética*, trad. Manuel Sacristán, México, Grijalbo, 1966, p. 250; “Marx and Engels on Aesthetics”, in *Writer and Critic and other essays*, *op. cit.*, p. 78-9. Como se verá a seguir, nas passagens em que Lukács trata de Hoffmann, ele não chega a mencionar nenhuma obra particular. Quanto a Marx, Franziska Kugelmann (filha de Ludwig Kugelmann, em cuja casa Marx esteve hospedado na época em que revia as provas do primeiro volume de *O capital*) afirma que ele apreciava especialmente *O Pequeno Zacarias*, de Hoffmann. Cf. Marx & Engels, *On Literature and Art*, *op. cit.*, p. 156.

Para Lukács, portanto, o decisivo é que a figuração literária exponha as complexas conexões entre a superfície imediata e a dinâmica histórica profunda movida pelas relações de classe, devendo-se, para isso, empregar meios técnicos adequados para apreender essas articulações. Não tendo sido insensível às consequências estéticas do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo, Lukács considera que, no caso alemão, a figuração realista das forças históricas só poderia realizar-se de maneira diferente do realismo francês ou inglês.

Assim, no “Prefácio” ao volume *Realistas alemães do século XIX*, Lukács salienta o problema das condições históricas particulares da Alemanha, retomando o tema clássico da “miséria alemã”, com base no jovem Marx da “Introdução” à *Crítica da filosofia do direito de Hegel*<sup>11</sup> (texto a que ele já havia feito referência em seu ensaio sobre “Heine como poeta nacional”, e ao qual volta a remeter em outros escritos<sup>12</sup>). Seguindo a análise de Marx, Lukács descreve a posição da sociedade alemã entre o final do século XVIII e o início do XIX como um “anacronismo” em comparação com o desenvolvimento burguês na Europa Ocidental (particularmente na Inglaterra e na França). Atualizada no plano das ideias e, ao mesmo tempo, atrasada no terreno econômico-social, a Alemanha apresentava naquele momento condições específicas que influenciaram decisivamente na vida ideológica e literária, marcando-a com problemas próprios. Nesse campo, as consequências da “miséria alemã” se manifestaram em múltiplos e variados efeitos. Assim, Lukács intui a conexão histórica entre as condições alemãs e o surgimento dos princípios da dialética moderna,<sup>13</sup> e identifica a simultânea fragmentação no desenvolvimento da

<sup>11</sup> Não será demais lembrar que ali Marx afirma: “Assim como as nações do mundo antigo viveram a sua pré-história na imaginação, na mitologia, assim nós, alemães, vivemos a nossa pós-história no pensamento, na filosofia. Somos os contemporâneos filosóficos da época atual, sem sermos os seus contemporâneos históricos. [...] O que para as nações avançadas constitui uma ruptura prática em relação às modernas condições políticas é, na Alemanha, onde tais condições ainda não existem, virtualmente um corte crítico em relação à sua reflexão filosófica.” E adiante: “Mas se a Alemanha acompanhou o desenvolvimento das nações modernas apenas através da atividade abstrata do pensamento, sem tomar parte ativa nas lutas reais deste desenvolvimento, experimentou também as dores deste desenvolvimento sem participar nos seus prazeres e satisfações parciais. A atividade abstrata, por um lado, tem a sua contrapartida no sofrimento abstrato, por outro. E um belo dia, o alemão encontrar-se-á ao nível da decadência européia, antes de alguma vez ter atingido o nível da emancipação européia” (Karl Marx, “Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução” (1844) [trad. Raul Mateos Castell], in *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, São Paulo, Boitempo, 2005, p. 150 e 153. [Ao transcrever a passagem, corriji o erro de impressão que troca “pós” por “pré”]).

<sup>12</sup> Ver G. Lukács, “Foreword” e “Heinrich Heine as National Poet”, in *German Realists in the Nineteenth Century*, trans. Jeremy Gaines and Paul Keast, Cambridge, Mass., MIT Press, 1993, p. 1-15 e 95-156. Também foi consultada a tradução espanhola: *Realistas alemanes del siglo XIX*, trad. Jacobo Muñoz, Barcelona, Grijalbo, 1970, p. 1-14 e 95-157. Ver também “Prólogo”, in *Goethe y su época*, trad. M. Sacristán, Barcelona, Grijalbo, 1968, p. 7-24.

<sup>13</sup> “A explicação é esta: precisamente porque na Alemanha os fundamentos e as consequências sociais de certas questões teóricas ou poéticas não aparecem imediatamente na vida prática, dá-se para o gênio, para a concepção e a exposição, uma ampla margem de liberdade, que parece muitas vezes limitada, de que não podiam dispor os contemporâneos intelectuais das sociedades mais desenvolvidas do ocidente. / Tudo isso pode resumir-se assim: não é por acaso que as leis acerca da

literatura alemã, isto é, a falta de continuidade ou de linhas evolutivas discerníveis, em contraste com o que ocorria nas literaturas francesa e inglesa (e, de outro modo, também na russa). As obras significativas do período, como o *Wilhelm Meister*, de Goethe, e as narrativas de Hoffmann, teriam sido, segundo Lukács, sínteses individuais únicas e, por isso, não puderam fornecer base para o desenvolvimento e a continuidade, como havia acontecido nas outras literaturas nacionais mencionadas, as quais estavam de fato enraizadas na vida real da sociedade.<sup>14</sup>

Para o que nos interessa mais de perto, cabe notar que as condições alemãs da época impunham, segundo Lukács, dificuldades quase insuperáveis aos escritores que buscaram realizar o grande realismo na Alemanha. Com o descompasso entre a vida ideológica e a realidade prática, ligado à tenuidade do aburguesamento da sociedade alemã, a própria matéria se mostrava pouco propícia para a configuração realista. Assim, Lukács sugere que, quanto mais alto o nível ideológico, quanto mais a elaboração literária dos problemas se afinava com o estágio da evolução geral europeia, tanto mais se evidenciavam as insuficiências da matéria a ser configurada, isto é, da realidade histórica e contemporânea da Alemanha.<sup>15</sup> O resultado é que, apesar das tentativas de produzir obras realistas críticas, os escritores alemães, oprimidos pela miséria das condições sociais do país, não puderam encontrar na vida a matéria adequada nem a forma correspondente a um realismo social e crítico.<sup>16</sup>

Nessas circunstâncias, em que o desenvolvimento retardatário do capitalismo alemão inviabilizava a plena realização do realismo ao modo francês ou inglês,

natureza contraditória do movimento histórico, os princípios capitais do método dialético, apareçam para a consciência precisamente na Alemanha do período que vai de Lessing a Heine, nem que Goethe e Hegel levem esse método à maior altura alcançável dentro dos limites do pensamento burguês” (G. Lukács, “Prólogo”, in *Goethe y su época*, op. cit., p. 61-2). Aproveito aqui a citação de Paulo Arantes, *Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996, p. 136. Justamente as observações de Lukács sobre a “funesta evolução de conjunto da ideologia alemã” funcionam como um dos fios condutores da investigação de Arantes sobre a reinvenção moderna da dialética na Alemanha atrasada.

<sup>14</sup> Cf. G. Lukács, *German Realists of the Nineteenth Century*, op. cit., p. 1 e 6. *Idem*, *Realistas alemanes del siglo XIX*, op. cit., p. 1, 5-6.

<sup>15</sup> Cf. G. Lukács, *German Realists of the Nineteenth Century*, op. cit., p. 5. *Idem*, *Realistas alemanes del siglo XIX*, op. cit., p. 5.

<sup>16</sup> Cf. G. Lukács, *Nueva historia de la literatura alemana*, trad. Aníbal Leal, Buenos Aires, La Pléyade, 1971, p. 74. Também foi consultada a tradução francesa: *Idem*, *Brève histoire de la littérature allemande*, trad. L. Goldmann et M. Butor, Paris, Nagel, 1949, p. 105. De maneira análoga, Erich Auerbach, para quem o “historicismo” alemão da segunda metade do século XVIII era o fundamento estético do realismo literário, apontou a fragmentação e a limitação do realismo na Alemanha (ver E. Auerbach, *Mimesis*, 2.ed., São Paulo, Perspectiva, 1987, p. 395-404.) Lembrando que a noção auerbachiana de realismo implica história e conflito social impulsionando a mistura de estilos, Paulo Arantes assinalou a convergência entre o esquema lukácsiano e as observações de Auerbach, que igualmente havia registrado um dos efeitos paradoxais do aburguesamento tardio da sociedade alemã: “a mesma malformação nacional que favorece a cristalização do pressuposto (o golpe de vista historicista), frustra o pleno desenvolvimento da consequência (o realismo literário)” (ver Arantes, *Ressentimento da dialética*, op. cit., p. 170-1).



devido ao divórcio entre as questões estéticas e a vida prática, o mundo fantástico de Hoffmann mostra, na avaliação de Lukács, a inadequação da vida alemã enquanto matéria da grande prosa narrativa.<sup>17</sup> Mais do que isso, Lukács aponta em Hoffmann a sua “profundidade e exatidão realista” precisamente porque em seus contos os “verdadeiros abismos desumanos da vida sob o capitalismo aparecem sob a forma fantástica”.<sup>18</sup>

De acordo com Lukács, Hoffmann pertence à época posterior à Revolução Francesa, mas situa-se em uma sociedade que ainda não havia alcançado a unificação nacional e em que a burguesia, pouco desenvolvida, ainda não havia conseguido conformar a realidade social de acordo com suas necessidades econômicas (como haviam feito as burguesias francesa e inglesa). A matéria do pensamento de Hoffmann já é a nova sociedade burguesa, e sua obra é marcada pela crítica à burguesia e ao filisteísmo, sendo tal atitude crítica o seu fundamento comum com o romantismo (que Lukács deplorava). A originalidade de Hoffmann – que o leva a alcançar um resultado realista – é que, em sua obra, a nova sociedade é apreendida nas formas da miséria alemã. Assim, em sua obra, o novo adquire caráter espectral, sobretudo no aspecto limitado que as formas do mundo moderno assumem em solo alemão. Ao mesmo tempo, e inversamente, Hoffmann vê o elemento fantasmagórico da transformação do espírito filistino alemão através dos acontecimentos sociais de caráter mundial. A figuração fantástica de Hoffmann, portanto, apreende as relações de tensão entre as formas burguesas modernas e o atraso da realidade prática alemã. Desse modo, segundo Lukács, Hoffmann “incorpora – com tanto vigor como Goethe antes dele e como Balzac depois – as tendências evolutivas fundamentais do período e as expressa com um realismo novo e sugestivo”.<sup>19</sup>

De maneira semelhante, a interpretação lukacsiana da obra de Heine passa pela consideração das condições específicas da sociedade alemã, dessa vez acompanhada de comparações diretas com Balzac (os *Quadros de viagem* de Heine são, para Lukács, a “contraparte alemã de Balzac”<sup>20</sup>). Embora sejam completamente opostos em termos estilísticos, Heine e Balzac têm em comum o fato de terem encontrado, cada um a seu modo, formas adequadas para figurar amplamente as contradições em movimento (e por essa razão, diz Lukács, são os últimos grandes escritores da burguesia europeia ocidental a alcançar significação universal). Enquanto o desenvolvimento econômico-social na França e na Inglaterra possibilitava a um Balzac ou a um Dickens figurar o automovimento das contradições na própria realidade, captando a dinâmica real das contradições sociais, o mesmo

<sup>17</sup> Cf. Lukács, *German Realists of the Nineteenth Century*, op. cit., p. 6. *Idem*, *Realistas alemanes del siglo XIX*, op. cit., p. 6.

<sup>18</sup> Lukács, *German Realists of the Nineteenth Century*, op. cit., p. 59. *Idem*, *Realistas alemanes del siglo XIX*, op. cit., p. 58-9.

<sup>19</sup> Cf. Lukács, *Nueva historia de la literatura alemana*, op. cit., p. 69-70. *Idem*, *Brève histoire de la littérature allemande*, op. cit., p. 97-9.

<sup>20</sup> Lukács, *German Realists of the Nineteenth Century*, op. cit., p. 6. *Idem*, *Realistas alemanes del siglo XIX*, op. cit., p. 6.

não se dava nas circunstâncias do “anacronismo” alemão, em que os escritores de intenção realista não conseguiam alçar-se para além da miséria do desenvolvimento de sua sociedade.

Por isso, sempre segundo Lukács, ao eleger uma forma de extrema subjetividade, transmutada em lírico-irônica e fantástico-irônica, para compor seus *Quadros de viagem*, Heine escolhia a única forma alemã então possível para alcançar a mais alta expressão poética das contradições sociais. Que a figuração amplamente social, capaz de abarcar as contradições do desenvolvimento historicamente possível na Alemanha do tempo, tenha se dado paradoxalmente nessa forma subjetivista e irônica é uma consequência do desenvolvimento desigual e da posição particular da Alemanha no contexto geral do processo evolutivo do capitalismo internacional.<sup>21</sup>

Se Heine, em sua poesia, alcança uma compreensão historicamente justa do presente em suas principais tendências evolutivas é porque, para Lukács, os grandes escritores do período pré-1848 ainda podiam figurar o capitalismo em processo de formação, e não como algo já consumado, assim como podiam ver a poesia pré-capitalista em processo de declínio, e não como algo já desaparecido. Devido a essas circunstâncias históricas, Heine pôde aproveitar a poesia popular romântica como meio literário legítimo, ao mesmo tempo em que, com igual legitimidade histórica, destruía o seu encanto com a ironia.<sup>22</sup>

Convém lembrar, por fim, que na teoria de Lukács não há correlação automática entre o atraso econômico-social e a interdição da narrativa realista, pois, enquanto a miséria alemã de fato impede a plena realização do realismo, na Rússia é justamente o atraso que, segundo o esquema lukacsiano, possibilitará a sobrevivência do realismo na obra de Tolstói e de outros, em um momento em que o realismo parecia inviabilizado na Europa Ocidental pós-1848 (isso porque o decisivo, para Lukács, é a feição específica da luta de classes em determinados momentos históricos em cada formação social).<sup>23</sup>

Como se vê por estas breves notas de leitura, as observações de Lukács a propósito das condições históricas particulares das áreas periféricas lhe permitem reconhecer outras realizações do realismo, na medida em que levam o crítico a considerar problemas estéticos também particulares, a serem investigados concretamente em cada caso. Nisso, os estudos literários de Lukács continuam a inspirar, ainda que em muitos pontos exijam retificação crítica.

<sup>21</sup> Lukács, *German Realists of the Nineteenth Century*, op. cit., p. 138-41. *Idem*, *Realistas alemanes del siglo XIX*, op. cit., p. 139-42. Ver também *Idem*, *Nueva historia de la literatura alemana*, op. cit., p. 79. *Idem*, *Brève histoire de la littérature allemande*, op. cit., p. 112.

<sup>22</sup> Lukács, *German Realists of the Nineteenth Century*, op. cit., p. 149-51. *Idem*, *Realistas alemanes del siglo XIX*, op. cit., p. 149-51.

<sup>23</sup> Cf. Lukács, “Tolstói y la evolución del realismo”, in *Ensayos sobre el realismo*, op. cit., p. 163-263.